

EDITORIAL REVISTA LABORATIVA: NUM PAÍS SEM MEMÓRIA E À DERIVA, RESGATAR IDEIAS 'ANTIGAS' PODE TRAZER ALENTO E ESPERANÇA!

René Mendes ¹

¹ Médico especialista em Saúde Pública e em Medicina do Trabalho. Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais. Diretor Científico da Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (ABRASTT).

"Reinventei o passado para ver a beleza do futuro."
Louis Aragon (Escritor francês, 1897-1982)

A releitura recente da linda obra coletiva intitulada "Médicos Intérpretes do Brasil", organizada pelos pesquisadores e professores do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz — Fiocruz, Gilberto Hochman e Nísia Trindade Lima (HOCHMAN e LIMA, 2015) serviu-me como um bálsamo consolador, que ajuda a aliviar a frustração e a tristeza por notar o quão desmemoriado está o País nesta atual "seca" de ideias, em especial, nestes tempos mais recentes, e nas esferas governamentais. Com efeito, convidado a escrever um editorial para nossa importante *Revista Laborativa*, da Unesp, que muito tem contribuído para fertilizar solos secos e neles fazer vicejar ideias novas e ousadas — pelo menos no que se refere à saúde e segurança do trabalhador e à sustentabilidade ambiental — decidi tomar o tema que intitula este texto, por encontrar, no passado, ideias muito novas e atuais. Algumas até mais ousadas que as de nosso tempo, estas mais usadas e gastas, do que ousadas e novas. Darei alguns exemplos, para já antecipar o quanto respeito e admiro os registros bibliográficos e a

transmissão do saber, seja pelos livros, seja pelos periódicos ou por outras fontes e mídias.

Assim, começo resgatando aqui algumas afirmações ousadas, corajosas e mesmo duras, proferidas pelo médico Prof. Samuel Barnsley Pessoa (1898-1976), da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, resgatadas de seu discurso como Paraninfo da turma de médicos de 1940. Sobre o trabalhador do campo, e após analisar estatísticas de mortalidade infantil, dizia Pessoa aos futuros médicos:

Qualquer criador de gado mudaria imediatamente de negócio caso a mortalidade de seus rebanhos alcançasse 30% dos nascidos. Entretanto, vemos que entre nós é justamente o fazendeiro, em geral o responsável, em larga extensão, pelo maior ou menor adiantamento sanitário, do estado de higiene de suas propriedades e da saúde de seus colonos. Mesmo quando a par das mais modernas conquistas da ciência, só se mostra capaz de agir enérgica e cientificamente, quando se trata de proteger suas criações de porcos ou de gado, combater qualquer praga que por acaso apareça em seus algodoais, cafezais ou canaviais... (...) O fazendeiro educou e formou sua mentalidade na defesa dos produtos de sua fazenda, e ao deixar ao acaso a saúde e a vida de seus operários agrícolas, e às vezes, até mesmo dos membros de sua própria família. Aliás, foi sempre assim. Dá-se maior valor econômico aos animais do que ao homem. (...) Sonhamos pelo dia em que ao lado da Sociedades dos Caracus e Zebus, também se fundem as destinadas a zelar pela saúde dos nossos caboclos e operários agrícolas. (PESSOA, 1940, *apud* PAIVA, 2015, p. 335-336.)

Prossigo, resgatando algumas ideias do *Programa de Saúde Pública* apresentado por Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), quando de sua candidatura à Presidência da República, em 1955. Sua visão, suas propostas e sua coragem são até hoje admiráveis, mesmo sabendo que muitos de seus sonhos não se cumpriram em sua gestão (1956-1961); alguns se cumpriram mais adiante, principalmente em décadas mais recentes; outros estão ainda muito distantes, e hoje até ameaçados pelo retrocesso social que acompanha a desertificação de ideias... Eis alguns trechos selecionados de seu *Programa de Saúde Pública*, apresentado em 1955:

Não é preciso ser médico para dar o justo valor aos problemas sanitários. No conceito unânime da sociedade brasileira — e de todos os povos cultos — não há tarefa maior que a defesa da saúde humana. O homem é o centro de tudo e a saúde o primeiro e mais eficiente instrumento de trabalho, a garantia de toda e qualquer prosperidade. (KUBITSCHEK, 1955, *apud* HOCHMAN e LIMA, 2015, p. 356).

Mais adiante, a propósito dos trabalhadores do Vale do Rio São Francisco, observados à distância por passageiros e turistas dos vapores 'gaiola', assim se expressava o médico que viria se tornar Presidente do Brasil:

...o turista, que talvez nem mais volte ali, desconhece o dia de doze horas de trabalho de sol a sol. Do convés do 'gaiola' não teve tempo nem poderia ver as mãos calejadas do barranqueiro, tão duras como a terra, e compará-las com as suas mãos finas e tantas vezes delicadas do cidadão. Não pôde ver também os pés engrossados por tanto jornadas, por tanto pisar a terra, do barranqueiro a descansar do magro almoço à sombra do juazeiro espinhento. Nem pôde fazer ideia do corpo do barranqueiro, castigado de trabalhos e de doenças, mas ainda assim rijo e resistente. É o corpo de um herói, magro e seco, mas herói, de um trabalhador que não dispõe de meios para progredir no seu trabalho. Sem instrução e sem assistência técnica, seu método de trabalho é rotineiro e empírico. Seus avós trabalhavam assim, assim trabalhava seu pai, assim está trabalhando o filho. Se não o acudirmos, também assim trabalhará o neto. Trabalha muito, trabalha demais, morre de trabalhar para pouco rendimento. (KUBITSCHEK, 1955, *apud* HOCHMAN e LIMA, 2015, p. 359).

Como um terceiro e derradeiro exemplo, resgato aqui a memória do médico sanitariano alagoano Mario Magalhães da Silveira (1905-1986), também conhecido por ser conterrâneo, colega de turma e depois esposo da médica psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999). Pois este sanitariano de sólida formação, lendo, estudando e convivendo com economistas e demógrafos progressistas — da estatura de Gunnar Myrdal (1898-1987) e Warren Thompson (1887-1973) —, trouxe para o centro dos debates e reflexões do nosso País, já nos idos da década de 1940, a visão de determinação social da saúde/doença, muito antes que este conceito adquirisse, mundialmente, status de reconhecimento óbvio. “O ponto fundamental da tese que defendo é que a saúde do homem (...) é um problema de superestrutura. Assim, o planejamento de sua organização deve se basear na estrutura econômica da Nação” (CAMPOS, 2015, p. 428). Inspirado em Myrdal, Magalhães afirmava, na perspectiva do planejamento, que a saúde pública não deveria ser um tema recluso aos médicos, mas um projeto inserido no desenvolvimento do país e, portanto, assunto de economistas, engenheiros, industriais e administradores. (CAMPOS, 2015). Trabalhando na SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), sob a orientação do economista Celso Furtado (1920-2004) e depois no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), ajudou a conceber e promover o “sanitarismo desenvolvimentista”, como resposta prática ao entendimento (parcial) dos determinantes de saúde-doença. Um precursor lúcido e engajado, por certo até hoje necessário ao país...

O livro que me inspirou este breve Editorial traz muitas outras histórias de médicos, cuja atuação em prol do País fê-los cruzar as fronteiras das profissões e das disciplinas formais, principalmente em áreas e campos da Política, da Cultura, da Filosofia, da Antropologia, da Sociologia e da Psicanálise, enfim, de múltiplos olhares e contribuições. Finalizo por onde comecei: “Reinventei o passado para ver a beleza do futuro”.

Referências

CAMPOS, A. L. V. de. Mario Magalhães da Silveira e o sanitariano desenvolvimentista. In: HOCHMAN, G.; LIMA, N. T. (Org.). *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 427-451.

MENDES, R. Editorial Revista Laborativa: *Num país sem memória e à deriva, resgatar ideias 'antigas' pode trazer alento e esperança!* R.Laborativa. v. 8, n. 1, p. 01-04, abr./2019. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa> 3

HOCHMAN, G. “O Brasil não é só doença”: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde* — Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009. p. 313-331.

HOCHMAN, G. Juscelino Kubitschek e um Brasil que não pode ser apenas doença. In: HOCHMAN, G.; LIMA, N. T. (Org.). *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 343-361.

HOCHMAN, G.; LIMA, N. T. (Org.). *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015. 666 p.

PAIVA, C. H. A. Parasitologia engajada: ciência e ensino em Samuel Pessoa. In: HOCHMAN, G.; LIMA, N. T. (Org.). *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 320-342.